

MULHERES E RELIGIÃO EM CONFLITO: ESTUDO DAS CONDIÇÕES DA MULHER TRABALHADORA, SEUS CONFLITOS E SUA RELIGIOSIDADE

Magali Scopel de Araujo*

Calvino Camargo**

Luciane dos Santos Iriyoda***

RESUMO: Atualmente a mulher passa a representar uma fonte cada vez mais importante de sustento econômico da família, porém não existe uma divisão igualitária dos deveres domésticos, o que inclui o cuidado com os filhos. Sendo assim, este trabalho buscou levantar dados relativos às relações de poder no contexto familiar e os conflitos relacionados aos papéis da mulher religiosa em relação ao trabalho, família, cuidados com os filhos e responsabilidades domésticas, visando à cooperação para um redirecionamento do discurso religioso atual. A pesquisa foi realizada com 10 mulheres, pertencentes a diferentes igrejas evangélicas há mais de 02 anos, residentes na cidade de Maringá, Estado do Paraná, profissionais ativas em diversas áreas, com pelo menos 01 filho. A coleta de dados foi efetuada através de entrevista semi-estruturada, utilizando-se gravador de voz. Os resultados mostram que, desse universo de dez mulheres, seis gostariam de ser donas de casa. Três situações específicas se apresentaram. A primeira refere-se à necessidade financeira, que leva a mulher a buscar trabalho remunerado e fora do lar, embora sua convicção religiosa lhe diga que o seu papel deve ser desempenhado na esfera doméstica. A segunda compreende mulheres que não abrem mão da realização pessoal com o trabalho, mas sofrem com as exigências da família. Na terceira situação, onde se enquadra apenas uma mulher, foi observada que não há conflito.

PALAVRAS-CHAVE: Mulher; Religiosidade; Trabalho; Questões de Gênero.

WOMEN AND RELIGION IN CONFLICT: STUDY OF TERMS OF WORKING WOMEN, THEIR CONFLICTS AND RELIGIOSITY

ABSTRACT: Today woman represents an increasingly important source of economic sustenance in a family, but there is not an equal division of household duties, which includes the care of their children. Therefore, this research attempts to raise data on the power balance in a the family and the conflicts related to religious roles of women in relation to work, family, children care and domestic responsibilities, seeking the cooperation to a redirection of current religious discourse. The study was conducted with 10 women, belonging to various evangelical churches for more than 02 years, residents in the city of Maringá, State of Paraná, active professionals in several areas, with at least 01 child each. The data collection was performed using a semi-structured interview and a voice recorder. The results show that the universe of ten women, six wanted to be housewives. Three specific situations are presented. The first related the financial need that takes a woman to seek a paid job outside her home and, although her religious belief tells that her role should be in the domestic sphere. The second includes women who do not accept being without their personal fulfillment with work, but they suffer from the family demands. In the third situation, which is just about a woman, was observed that there is no conflict.

KEYWORDS: Woman; Gender Questions; Religiosity; Work.

INTRODUÇÃO

A partir do século XIX, com a entrada da mulher no mercado de trabalho remunerado, ela deixa de ser apenas uma auxiliar do esposo e passa a representar, cada vez mais, uma importante fonte de sustento econômico da família.

Nos dias atuais, além do tempo dispensado ao trabalho doméstico e ao trabalho remunerado, a mulher se vê obrigada a cumprir um terceiro turno nas escolas e universidades, buscando qualificação profissional para enfrentar com êxito a competição no mercado de trabalho. Entretanto, pesquisas têm constatado que a divisão de responsabilidades não é igualitária no tocante aos deveres domésticos, incluindo os cuidados com

* Bacharel em Teologia pelo Centro Universitário de Maringá – CESUMAR. E-mail: magaliscopel@hotmail.com

** Orientador e Docente do Departamento de Psicologia e Teologia do Centro Universitário de Maringá – CESUMAR. E-mail: calvino@cesumar.br

*** Docente do Departamento de Letras do Centro Universitário de Maringá – CESUMAR. E-mail: luciane@cesumar.br

os filhos. (BIASOLI-ALVES, 2000; FLECK; WAGNER, 2003). Em virtude disso, mães que não têm tempo para acompanhar seus filhos no cumprimento de seus deveres estão apresentando irritação e impaciência, pois querem que eles cumpram com suas tarefas sem incomodá-las (BIASOLI-ALVES, 2000), e quando eles adoecem, essa situação contribui para aumentar na mãe o sentimento de culpa pela sua ausência (BIASOLI-ALVES, 2000; FLECK; WAGNER 2003).

O avanço tecnológico também contribui para a criação de novas necessidades. Para satisfazer o ideal consumista, torna-se necessário que a mulher coopere financeiramente com a família (LIPOVETSKY, 2000). Mesmo com essa cooperação, para muitas famílias a renda mensal ainda é insuficiente. Sendo assim, a dificuldade financeira tem sido apresentada como causa de estresse e conflito conjugal. Nas famílias de menor poder aquisitivo geralmente é baixo o nível de coesão entre casais, o que é atribuído, também, ao fato de que a mãe passa muito tempo fora de casa e, quando está presente, dá mais atenção aos filhos do que ao esposo (FLECK; WAGNER, 2003).

Em alguns segmentos profissionais as condições dadas à mulher têm contribuído para o agravamento dos conflitos que ela tem vivido. Pesquisa realizada com analistas de sistema constatou que os homens predominam nos cargos de chefia, e a análise de saúde dos trabalhadores mostra que as mulheres sofrem maiores transtornos físicos, causados pela postura desconfortável, tempo maior de exposição ao computador, maior frequência de sintomas visuais, musculares e relacionados a estresse, maior insatisfação com o trabalho, maior fadiga física e mental (ROCHA; DEBERT-RIBEIRO, 2001). Os resultados mostram que as mulheres têm ocupado os cargos menos significativos e os homens exercem os principais. Elas, mesmo protegidas por acordos registrados e por negociações não sindicais, recebem reajustes menores do que os homens. Observam-se casos de casais que trabalham em parceria em que os homens admitem o trabalho das esposas, porém elas não têm acesso aos lucros (VIEIRA, 2005). No México, por exemplo, as mulheres têm mais dificuldade de conseguir trabalho, principalmente as casadas que tenham filhos pequenos (CRUZ; NORIEGA; GARDUNO, 2003).

Os meios de comunicação insistem na imagem da mulher ideal como a mulher do lar. Isso contribui para aumentar a sensação de culpa da mulher pelo fato de ter que se ausentar dos filhos e do esposo (POSSATTI; DIAS, 2002). Aliadas à mídia, algumas concepções religiosas evangélicas¹, presentes na sociedade contemporânea, são consideradas como as principais mantenedoras desses valores, além de, em seus discursos, enfatizarem as restrições e temores ligados ao

pecado da desobediência (BIASOLI-ALVES, 2000). Diante desta realidade, levanta-se como hipótese que, na sociedade atual, inclusive no aspecto religioso, prevalece o discurso masculino, que contribui para o predomínio de valores do homem sobre os da mulher, intensificando-se assim situações de sofrimento psicossocial que podem transformar-se em empecilho para o desenvolvimento e emancipação da mulher.

O objetivo deste artigo é apresentar e discutir as relações de poder no contexto familiar e a influência que sobre essas relações exercem valores e ideais religiosos evangélicos, bem como os conflitos relacionados aos papéis de mulher em relação ao trabalho, família, cuidados com os filhos e responsabilidades domésticas. Desta forma, buscamos contribuir para uma reflexão a respeito do discurso religioso e suas possíveis implicações nas práticas pastorais na atualidade, incluindo em nossas preocupações a necessidade de desenvolver programas específicos de atenção pastoral às mulheres, a fim de ajudá-las no enfrentamento de seus conflitos religiosos presentes no cotidiano do trabalho e da família.

2 MATERIAL E MÉTODOS

A presente pesquisa, de caráter qualitativo, investiga valores, crenças, atitudes, opiniões, relações de poder no contexto familiar e os conflitos ligados aos papéis da mulher religiosa em relação ao trabalho, família, cuidados com os filhos e responsabilidades domésticas. Também discute fenômenos e processos subjetivos específicos de um grupo composto de 10 (dez) mulheres, pertencentes a diferentes igrejas evangélicas² há mais de 02 (dois) anos, residentes na cidade de Maringá, Estado do Paraná, que são profissionais ativas em diversas áreas e têm pelo menos 01 (um) filho. Suas idades variam entre 38 e 46 anos, e quanto ao nível de formação escolar, 01 (uma) possui o ensino fundamental incompleto, 03 (três) o nível médio, 01 (uma) curso superior incompleto, (04) quatro são pós-graduadas lato sensu e 01 (uma), stricto sensu.

A coleta de dados foi efetuada individualmente em suas residências e locais de trabalho, através de entrevista semi-estruturada, utilizando-se gravador de voz, com o objetivo de colher dados pertinentes às relações de poder no contexto familiar e os conflitos relacionados aos papéis de mulher religiosa em relação ao trabalho, família, cuidados com os filhos e responsabilidades domésticas.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise dos dados permitiu organizar os conteúdos dos relatos verbais das entrevistadas em três grupos distintos, apresentados a seguir.

¹ Termo utilizado para designar sistema de crença oriundo do protestantismo reformado, denominado genericamente de evangélico. No Brasil, trata-se mais de uma autodenominação do que uma categoria sociológica propriamente dita.

² Grupos religiosos isolados e/ou comunidades locais, vinculados formalmente a um sistema de crença que abrange outras comunidades locais em diferentes regiões do País.

A) Mulheres que acreditam na submissão incondicional ao esposo

Neste grupo encontram-se três mulheres, as quais afirmam que o homem deve estar no comando total da família: “... o esposo tem que ser aquele que ensina, ele tem que ser o exemplo dentro de casa... ...o sacerdote do lar em tudo.” O papel da mulher na relação é definido como o de uma auxiliar: “...é aquela que coordena, aquela que dá direção, aquela que ensina e a gente como ajudadora.” Seu comportamento, em termos de trabalho, surge na opção em trabalhar exclusivamente nas atividades do lar: “...eu entendo que eu deveria ficar em casa, cuidando da minha família, do meu esposo, do meu filho, sendo aquela auxiliadora, aquela que faz o pão, aquela que faz a ceara...”. Em relação ao discurso religioso, para este grupo, o homem deve ser “o cabeça” da mulher, porque, segundo elas, o homem é mais capaz psicologicamente: “...Eles são mais frios, parece que conseguem enfrentar uma pancada melhor que a gente...”. Uma delas demonstra total insatisfação com o papel da mulher na sociedade atual no que se refere ao âmbito familiar; “... eu sou uma vítima disso, então eu posso dizer muito claro: eu não concordo, eu acho assim muito desgastante... ...eu acho que foi a pior coisa que aconteceu com a mulher foi ela ter trocado esse papel... ...o homem está numa posição que não é do chefe da casa...”. As três afirmam que a família não poderia ser sustentada sem contar com os seus rendimentos. Como essas mulheres estão trabalhando por necessidade econômica, possivelmente o conflito esteja no fato de que trabalhar fora de casa está em desacordo com suas convicções religiosas e com o sonho de desempenhar unicamente o papel de esposa e mãe, pois todas elas afirmam esperar por isso. Este fato confirma a hipótese levantada nesta pesquisa, de que na sociedade atual, inclusive em alguns segmentos religiosos, prevalece o discurso masculino, que contribui para a dominação do homem sobre a mulher.

As pesquisas de Fleck e Wagner (2003), que apontam para a dificuldade financeira como causa de conflitos e baixa coesão entre casais, confirmam-se no relato de uma delas, que diz ter dificuldades no relacionamento sexual devido, segundo ela, ao cansaço físico: “...porque você sabe que essa parte fica muito prejudicada, se você tem uma dupla ou tripla jornada, que seja o caso, você não tem condição de chegar em casa e ainda (...) ...ele pode ter uma jornada difícil, chega em casa e ainda tá a fim...”. Ao ser apresentado às mulheres entrevistadas o conteúdo do enunciado, segundo o qual geralmente as igrejas evangélicas ensinam que o homem deve ser o cabeça da esposa, assim como Cristo é o cabeça da Igreja, as suas respostas são afirmativas ao referido conteúdo, demonstrando a presença de valores tradicionais coercitivos, relacionados à idéia de submissão da mulher em relação ao marido. Este fato parece evidenciar que alguns segmentos religiosos ainda cultivam valores tradicionais, conforme diz Biasoli-Alves (2000) ao referir-se aos temores e restrições ligados ao pecado da desobediência. Isto é

confirmado por uma das entrevistadas quando diz: “...mas, muitas vezes a gente não busca a Deus... ...é aonde a gente começa a errar em algumas coisas e ficam as conseqüências...”. Neste grupo, uma das mulheres afirma que, se não estivesse trabalhando fora enquanto os filhos eram pequenos, estes não apresentariam os problemas que têm hoje “...meu conflito é: tô tentando suprir necessidades que eu deixei lá atrás.”

Seria adequado que os líderes religiosos realizassem esforços no sentido promover estudos e reflexões específicos a respeito do papel da mulher na atualidade, levando-se em conta que nem todas elas têm um padrão de vida financeiro que lhes permita ficar em casa em tempo integral e que o trabalho fora do âmbito doméstico não se configura como pecado ou desobediência. Dever-se-ia também considerar que a manutenção desses valores produz conflitos pessoais e conjugais, e na mulher, o sentimento de culpa e a percepção de que está em situação de transgressão no que se refere à sua experiência religiosa. É preciso entender que, na atualidade, o papel da mulher na família e a sua vida profissional não são necessariamente incompatíveis com a experiência religiosa.

Tais conhecimentos seriam de vital importância se utilizados nos aconselhamentos em gabinetes pastorais, e concorreriam para o abrandamento dos conflitos internos que se têm apresentado, os quais, no futuro, se não devidamente resolvidos, poderão ser causa de conflitos emocionais.

Ao este grupo, devido às características dos relatos apresentados, demos o nome de **grupo da submissão incondicional**.

B) Mulheres que acreditam na submissão condicional ao esposo

Neste grupo encontram-se 3 (três) mulheres, as quais acreditam que o homem deve exercer a liderança da família na esfera espiritual: “...eu vejo essa colocação do lado espiritual...”. O pensamento deste grupo é que a mulher não deve tomar para si só a responsabilidade dos cuidados com a família. “... eu acho que a mulher não foi feita pra isso, foi feita para ser a ajudadora, e não a responsável... ...não é esse o plano de Deus para a vida dela”. No entanto, quanto às questões relacionadas à escolha profissional da mulher, ela deve ter autonomia para decidir. Duas optam por ficar em casa e uma por trabalhar fora, esta última, desde que seja por realização pessoal. Com relação ao discurso religioso, seu entendimento é que a mulher deve ser submissa ao esposo, desde que amada e respeitada: “...não a sujeição da mulher nos caprichos e nos desmandos e nas vontades masculinas. Não! Cristo nunca ensinou isso...”. Outra afirma: “...imagino que não teria problema em conviver com um marido que seja o cabeça, desde que ele não seja o carrasco, né?...”. Para elas, a falta de submissão espiritual traz sérias conseqüências: “...você tem que tá em comum acordo com ele, porque você vai tá debaixo de maldição se você tiver na desobediência”. O poder do homem parece predominar em termos religiosos (líder espiritual). Apesar de admitir-se uma superioridade do esposo, há uma crítica em relação ao exercício

desse poder: no que se refere ao cotidiano familiar e conjugal, a sua liderança está condicionada às suas atitudes para com a esposa. Para uma delas, a ascensão profissional foi o principal motivo para a separação: *“...porque para ele foi insustentável...”, “...mulher que trabalha fora, mulher que dirige, mulher que fuma, na opinião dele, é tudo puta e biscate...”*. Queixa-se de não ter com quem dividir a responsabilidade pelo lar e de ter tido que abandonar a carreira que escolheu na faculdade para exercer uma profissão que lhe daria condições de sustentar a família.

Uma delas, quando perguntada se sofria preconceitos no local de trabalho, revelou: *“...a gente sofre sim, por ser mulher, por ser separada e por ser cristã... em termos de... até de promoção, eu acho que acaba interferindo”*, confirmando o que diz Vieira (2005), que a mulher ainda ocupa os cargos menos significativos e os homens, os principais. Outra pensa que a mulher deveria ter um tratamento diferenciado no trabalho *“... ainda existe a insensibilidade patronal para com a mulher... existem algumas peculiaridades que envolvem a vida da mulher, que eu acho que devem ser respeitadas...”*. Rocha e Debert-Ribeiro (2001) confirmam isso em suas pesquisas, relatando que mulheres sofrem maiores fadigas físicas e mentais e maior insatisfação com o trabalho. Para duas delas, os conflitos surgem possivelmente pelas cobranças da família quanto aos afazeres domésticos. Dessas duas, uma, que exerce sua profissão no período noturno, relata queixas do esposo referentes ao aspecto sexual, devido à falta de tempo e disposição, e a outra expõe reclamações do filho em relação a sua ausência, confirmando, mais uma vez a pesquisa de Biasoli-Alves (2000); Fleck e Wagner (2003), segundo a qual a mulher sofre a sensação de culpa pelo distanciamento dos filhos e a falta de disposição para o relacionamento conjugal (FLECK; WAGNER, 2003). Duas mulheres desse grupo concordam com o enunciado apresentado de que, no geral, as igrejas evangélicas ensinam que o homem deve ser o cabeça da mulher, como Cristo é o cabeça da Igreja no sentido espiritual, e a outra mostra discordância quanto a esta questão.

Apesar das afirmações de que o homem é o líder na esfera espiritual, duas delas são cobradas pela família em relação aos afazeres domésticos: *“...eu tenho que explicar pra filhos e pra marido por que eu não quero passar aquela roupa, por que eu não quero lavar aquela louça... explicando o meu cansaço físico, meu cansaço emocional...”*. Outra revela: *“...a família cobra uma casa mais limpa, uma roupa lavada e passada... eu odeio fazer serviço de casa. Agora... faço, porque é preciso”*. Esses relatos confirmam as pesquisas segundo as quais não existe uma divisão igualitária dos deveres domésticos, conforme Biasoli-Alves (2000); Fleck e Wagner (2003).

A análise do quadro deste grupo deixa evidente a necessidade de discutir um planejamento da divisão dos trabalhos dentro do lar, pois as mulheres entrevistadas demonstram falta de disposição para limpeza e organização da casa devido ao cansaço físico imposto pelo trabalho fora. O grupo religioso pode ser um meio de ajuda para essas mulheres nesse

tipo de discussão, desde que seja sensível às questões que estão implícitas nos conflitos familiares e pessoais que envolvem a relação entre as responsabilidades da mulher relacionadas aos papéis de mãe, esposa, etc., e a necessidade da sua contribuição para a subsistência da família. Isto poderia resultar em maior disponibilidade de tempo da mulher para a família, como também no aumento do seu nível de bem-estar.

Devido às características apresentadas, a esse grupo denominamos **grupo da submissão condicional**.

C) Mulheres que acreditam que homens e mulheres são iguais e por isso não deve haver submissão

Neste grupo encontram-se 04 (quatro) mulheres. Para elas, homem e mulher devem dividir papéis com igualdade de direitos e responsabilidades: *“...tem homens que quer que a mulher seja submissa a ele, mas no meu caso não, ...a gente é de igual para igual...”* - *“...a gente sempre tenta conversar e resolver as coisas em conjunto”*. Do trabalho fora de casa em geral a mulher não abre mão, com exceção de uma, que ficaria em casa exclusivamente para resgatar o relacionamento com o filho. Para elas, trabalhar fora significa realização pessoal: *“...eu jamais, em hipótese alguma, abriria mão do meu trabalho, porque eu existo no meu trabalho... tenho um sentimento de completude tão grande nisso, que me realiza tanto, que eu diria assim pra você: eu acho que eu trabalho 50% pelo que eu ganho e os outros 50% por aquilo que eu me construo, a maneira como eu existo, sabe?”*. No que se refere ao discurso religioso, entendem que a mulher é tão capaz quanto o homem, desta forma, não há por que existir submissão: *“...O homem cabeça da mulher? Não! ...a mulher tem que andar lado a lado com o marido entendeu?”* - *“...esse padrão: o homem é provedor e a mulher tem que ficar em casa? É anacrônico gente! Isso é...é...é uma maldade que as igrejas fazem com a vida das mulheres! Bagunça com a cabeça delas...”*. O conflito parece estar nas cobranças de esposo e filhos com relação ao tempo dispensado a eles, com exceção de uma, que não apresenta conflito: *“...muita cobrança...muita cobrança. Eles querem um tempo de qualidade, eles querem ter a gente”*. Isso confirma as afirmações de Possatti e Dias (2002) sobre a sensação de culpa que a mulher tem pelo fato de se ausentar dos filhos e do esposo. Nesse grupo apenas uma mulher não tem opinião formada sobre o enunciado apresentado: que em geral as igrejas evangélicas ensinam que o homem deve ser o cabeça da mulher, como Cristo é o cabeça da igreja.

As comunidades religiosas poderiam colaborar com essas mulheres, abordando em seus discursos a importância do trabalho na vida de um indivíduo, homem ou mulher, para que as famílias compreendessem melhor o sentido da realização profissional na vida de algumas mulheres. Desta forma estariam contribuindo para a diminuição do sentimento de culpa que elas têm pelo afastamento

do lar, como também atenuando a sensação de abandono que os filhos e esposos possam ter.

Denominamos este grupo de: **grupo da não submissão**.

Dessas 10 (dez) mulheres religiosas e trabalhadoras pesquisadas, 06 (seis) gostariam de ser donas de casa, isto é, ficar em casa cuidando dos filhos e dos afazeres domésticos. Dessas 06 (seis), 04 (quatro) trabalham exclusivamente por necessidade de sobrevivência, pois acreditam que a família não pode ser sustentada sem sua contribuição; 01 (uma) acredita que a família poderia ser sustentada precariamente e 01 (uma) pensa que essa pode ser sustentada sem sua ajuda, porque os filhos começaram a trabalhar, o que ocorreu recentemente.

Numa análise dos sujeitos surgem três situações específicas. A primeira seria o conflito pessoal, que está relacionado à necessidade financeira da família, a qual leva a mulher para o trabalho, embora a sua convicção religiosa lhe diga que o seu papel deve ser desempenhado dentro da esfera doméstica. A segunda situação é o conflito pessoal que surge nas mulheres que não abrem mão da realização pessoal com o trabalho, mas sofrem com as exigências da família em relação aos afazeres domésticos e à ausência do lar. Por fim, observou-se uma situação em que não há conflito: neste caso, para apenas uma mulher, as realizações familiar e religiosa não são opostas à realização profissional.

4 CONCLUSÃO

Esta pesquisa levou-nos a concluir que na sociedade atual, inclusive na religiosa, prevalece o discurso masculino, que contribui para a dominação do homem sobre a mulher, intensificando as situações de sofrimento. Isto se aplica, aparentemente, com todo o seu vigor, no **grupo da submissão incondicional**; aplica-se ainda, embora de forma mais amena, no **grupo da submissão condicional**, e não se aplica ao **grupo da não-submissão**. Os grupos são compostos por mulheres de diferentes igrejas evangélicas, como também de mulheres que participam de uma mesma igreja. Se há diferentes crenças dentro da mesma comunidade, pode-se supor que há certa flexibilidade no sistema religioso, com diferentes concepções sobre a relação de poder entre marido e mulher, ou o assunto não é tratado com clareza, ou ainda, não há uma disposição por parte das mulheres em buscar ajuda em relação aos seus conflitos, já que, das 10 mulheres pesquisadas, 06 não procuram aconselhamento pastoral. Isso pode indicar que a religião é uma categoria que se forma na intimidade da pessoa, o que, por sua vez, pode significar que há certo esvaziamento de sentido do sistema religioso e, em contrapartida, um fortalecimento das crenças e convicções pessoais. Foi constatado que, para a maioria das mulheres entrevistadas, o papel da maternidade se sobrepõe ao profissional. Uma sugestão para a continuidade desta pesquisa seria um estudo com mulheres religiosas

que não trabalham fora, pois contribuiria para uma melhor compreensão do contexto em que elas vivem e para compreender melhor os maridos, no sentido de entender como eles percebem essas mudanças no contexto das relações familiares o modo como reagem a elas.

REFERÊNCIAS

- BIASOLI-ALVES, Zélia Maria Mendes. Continuidades e rupturas no papel da mulher Brasileira no século XX. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 16, n. 3, set./dez. 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-3772200000030006&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 30 ago. 2007.
- CRUZ, Adriana Cecilia; NORIEGA, Mariano; GARDUNO, Maria de los Angeles. Wage labor, housewifery, and health: qualitative and quantitative differences between men and women. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 4, jul./ago. 2003. Disponível em: <http://www.scielo.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2003000400034&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 30 ago. 2007.
- FLECK, Ana Cláudia; WAGNER, Adriana. A mulher como a principal provedora do sustento econômico familiar. **Psicol. estud.**, Maringá, v. 8, n. spe, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722003000300005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 30 ago. 2007.
- LIPOVETSKY, Gilles. **A Terceira Mulher**: permanência e revolução do feminino. Tradução de Maria Lucia Machado. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2000.
- POSSATTI, Izabel Cristina; DIAS, Mardônio Rique. Multiplicidade de papéis da mulher e seus efeitos para o bem-estar psicológico. **Psicol. Reflex. Crit.**, Porto Alegre, v. 15, n. 2, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722002000200007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 29 ago. 2007.
- ROCHA, Lys Esther; DEBERT-RIBEIRO, Myriam. Trabalho, saúde e gênero: estudo comparativo sobre analistas de sistemas. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v. 35, n. 6, dez. 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89102001000600007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 30 ago. 2007.
- VIEIRA, Josênia Antunes. A identidade da mulher na modernidade. **DELTA**, São Paulo, v. 21, n. spe, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44502005000300012&lng=pt&nrm=iso&tling=pt>. Acesso em: 30 ago. 2007.